

Que som é esse? Batendo copos na escola

EEFMT Profa. Maria Theodora Pedreira de Freitas.

Edgar Mendes Soares

Reconhecendo a sociedade multicultural atual e profundamente desigual, a Educação Física com base nas teorias pós-críticas e comprometida com a justiça social, prestigia desde seu planejamento, comportamentos democráticos para a decisão de temas e atividades de ensino, valorizando as vozes pertencentes ao universo vivencial dos alunos e a reflexão crítica das práticas corporais (CARVALHO; NEIRA, 2016).

Para tal reconhecimento acontecer, o professor utiliza um dos procedimentos didáticos do currículo cultural de Educação Física, o mapeamento do repertório cultural corporal. Mapear significa identificar quais manifestações corporais estão disponíveis ou não no universo cultural dos alunos, bem como identificar os conhecimentos que os alunos possuem sobre determinada prática corporal (NEIRA, 2011). Logo, tomando como ponto de partida as práticas corporais que os alunos realizam, desenrolou-se a tematização do bate-copos.

Escrevendo o currículo

No início do ano letivo de 2016, algo me chamou a atenção: ao andar pelo pátio da escola notei que alguns alunos reunidos em pequenos grupos faziam batidas ritmadas no chão utilizando copos. Noutro dia, ao entrar na sala do 3º D do Ensino Fundamental, alguns alunos estavam brincando com os copos em cima da carteira e, logo que me viram, rapidamente esconderam o material. Observando, constatei que seria uma boa tematização, pois se tratava de uma manifestação cultural que acontecia nas margens da cultura escolar e já estava na hora de desestabilizar as forças que agiam sobre essa prática corporal, colocando-a numa posição marginalizada.

Ao mencionar que a brincadeira seria estudada nas aulas, a maior parte da sala se mostrou motivada, colocando os copos que estavam escondidos em cima da mesa novamente, porém, alguns meninos, reclamando, disseram que queriam jogar futebol e não bater copos.

De início, perguntei como era chamada essa brincadeira, após alguns segundos, uma menina disse: “ah professor! Nós chamamos de bate-copo”. Então, escrevi na lousa o nome mencionado e levantei com a turma informações a respeito da sua ocorrência

social: **aonde** eles faziam ou viam alguém fazer, **com quem** aprenderam e **como** se faz. Além disso, também recomendei uma pesquisa para casa para descobrirem quem mais brincava de bate-copo fora da escola ou identificar outras brincadeiras que pudessem assemelhar-se.

As respostas ajudaram a entender como aquela prática apareceu na escola. Na pergunta “Aonde?” Eles falaram que na aula de música, no YouTube e no WhatsApp. Quando perguntei “quem?”, disseram: a professora de música e o grupo “Palavra Cantada”. E à pergunta “como?”, demonstraram na carteira e disseram com “esse ritmo”.

Ao perguntar-lhes sobre a aula de música, eles falaram que certo dia a professora emprestou copos para que tentassem reproduzir o ritmo da música “Fome-come” do Palavra Cantada. Mas, perguntando se todos sabiam fazer o ritmo da música, alguns responderam negativamente. Encerrei a aula explicando a pesquisa e solicitando que trouxessem copos de plástico, quaisquer que fossem, para a realização das vivências.

Durante a semana, elegi alguns objetivos para essa tematização:

- Valorizar o patrimônio cultural infantil;
- Posicionar os alunos como produtores culturais e agentes no processo de ensino- aprendizagem;
- Aprofundar e ampliar os conhecimentos sobre a prática tematizada;
- Ressignificar a prática tematizada e o uso das tecnologias na escola.

Na aula seguinte conversamos sobre os resultados da pesquisa. Uma criança relatou que o bate-copo aparecia no YouTube num vídeo da Sofia Oliveira e no grupo Palavra Cantada. Outra informação levantada referiu-se às práticas parecidas com bate-copo, assim surgiu “torre-copos”, “bater tambores” e “pular corda”. Percebi que eles foram além do que havia imaginado, ao associar pular corda com bate-copo, porque ambos necessitam de ritmo. Considerei que nessa tematização aprenderia tanto quanto os alunos.

Em seguida, fomos vivenciar na quadra e, sabendo que alguns tinham dificuldade, propus que quem sabia fazer o bate-copos tinha que se juntar com quem não sabia para ensinar o amigo. Alguns não haviam trazido copos, mas uma aluna que possuía um kit completo do jogo “torre-copos”, emprestou aos colegas. No final da aula conversamos sobre as principais dificuldades de fazer bate-copos.



Figura 1: Socializando como se faz.

Com base na pesquisa realizada pelos alunos, procurei no YouTube vídeos do Palavra Cantada, da Sofia Oliveira e, também, da atriz Ana Kendrick que num clipe se apresenta cantando num restaurante e os clientes fazendo sons de batidas de seus copos, conhecida como “Cup Song”. Os alunos ficaram muitos empolgados, principalmente quem citou na pesquisa a Sofia Oliveira e o grupo Palavra Cantada. Após a assistência ao vídeo, comentei que o bate-copos ficou muito famoso num filme também da Ana Kendrick chamado “Pitch Perfect” e, inspirado na variedade de batidas diferentes, instiguei-os a refletir sobre a variedade de maneiras de brincar de bate-copos. São muitas as formas e várias as batidas.



Figura 2: Assistindo aos vídeos.

Nas vivências seguintes continuamos a socializar os conhecimentos sobre a prática para que se apropriassem mais efetivamente da gestualidade específica. Nessas ocasiões utilizamos um pátio da escola, visto que possuía mesas compridas e também serviria para ressignificar os ambientes da escola. Alguns gostaram, porém outros

Na aula seguinte assistimos aos vídeos de algumas apresentações de diferentes países, incluindo a dupla “Cups”, algumas apresentações do grupo “Barbatuques” e dois diferentes tutoriais de “cup song”. Após assistir aos vídeos, retomei os questionamentos sobre tutorial, coreografia e percussão corporal. As crianças se manifestaram a partir das imagens assistidas, o que me permitiu sistematizar as respostas e chegarmos a conclusões bastante razoáveis. Além da atividade que já vinham fazendo, a ressignificação das batidas, surgiram as ideias de elaborar um tutorial ou um cartaz informativo sobre o bate-copos.



Figura 4: criando tutoriais e cartazes.

Voltando às vivências, alguns grupos já haviam finalizado sua coreografia, então apresentaram-na para a turma. Estas apresentações foram filmadas a fim de que os alunos pudessem assisti-las e completar o percurso do trabalho. No caderno de registros pedi que escrevessem suas opiniões, ideias e sugestões sobre o bate-copos. Várias crianças contribuíram, afirmando que era muito divertido e legal.

Noutra aula retomei a explicação sobre os artefatos a serem produzidos. Em seguida, os alunos decidiram o que iriam realizar dentre as opções. Passadas algumas aulas dedicadas aos ensaios, os grupos afirmaram que estavam preparados para terem suas coreografias filmadas em forma de tutorial e, também, apresentarem os cartazes. Cada grupo usou um celular próprio ou emprestei o meu.

Foram produzidos três cartazes: um explicava como fazer o “cup song”, outro detalhava o que aprenderam nas aulas sobre bate-copos e, mais outro descrevia a pesquisa sobre tabua *ouija*: uma superfície plana com letras, números e símbolos que se coloca um indicador móvel (no caso o copo) que servia como comunicação com espíritos

(no Brasil é conhecido como brincadeira do copo, jogo do copo, ou também quando realizado com compasso, é conhecido como jogo do compasso).



Figura 5: mesa ou tabua ouija



Figura 5: Tutorial em formato de cartaz.

Também foram produzidos quatro tutoriais que ensinavam coreografias e músicas no bate-copos. Finalizada essa etapa, as aulas foram suspensas devido aos ensaios para a festa junina. Quando retornaram, elaborei uma apresentação de PowerPoint contemplando o trajeto com fotos, vídeos e frases, mencionando os objetivos pedagógicos e o porquê realizamos determinadas atividades, como também a importância do caderno de registros, pois ele contribuía para pensar as aulas seguintes.

Revendo o percurso com outros olhos, com olhos de observadores sobre suas próprias vivências, aprendizagens e atitudes, pude observar que brilhavam ao assistirem e comentarem sobre suas produções. Enfim, pedi que falassem sobre as impressões que tiveram acerca da apresentação do fechamento. As palavras mais ouvidas foram: “gostamos” e “aprendemos muito”.

Considerações

A postura problematizadora adotada favoreceu condições para colocar em xeque os significados atribuídos à manifestação corporal estudada, desconstruindo sua marginalização no espaço escolar.

Através da tematização dessa prática foram observadas mudanças de atitudes frente à brincadeira, inicialmente vista com maus olhos no ambiente escolar. As atividades de ensino contribuíram para a desestabilização do poder que a deslegitimava. Passadas as primeiras aulas, tão logo entrava na sala, os alunos colocavam os copos nas mesas para iniciar as vivências. Percebi que as ações didáticas aprofundaram e ampliaram seus conhecimentos, ao destacar outros países, outras músicas tocadas e outras formas de fazer bate-copos.

Uma das características do currículo cultural é que as vivências são acompanhadas de leitura e significações, não se preocupando com a performance segundo padrões preestabelecidos (NEIRA, 2016). As situações didáticas não pretenderam que todos os alunos se apropriassem das técnicas empregadas, ao contrário, um dos princípios que norteiam essa prática pedagógica é evitar o daltonismo cultural, ou seja, evitar a homogeneização ou universalização da diversidade que caracteriza os estudantes, bem como dos resultados das ações formativas (NEIRA, 2011). Para tanto, foram sugeridas formas diferentes de participação.

O protagonismo dos alunos nas elaborações de seus grupos e coreografias, cartazes e tutoriais, ficou evidenciado nas aulas. Percebi que o uso de *smartphones* foi ressignificado durante as aulas, pois mesmo disponibilizando o meu, alguns trouxeram os próprios para as filmagens, resistindo aos discursos proibitivos que circulam no espaço escolar.

O registro contínuo foi indispensável para reorientar as situações didáticas entre as aulas e avaliar o processo como um todo. Pois, como diz Neira (2011), uma vez que o mapeamento diagnosticou a cultura de chegada, os registros realizados pelo docente

facilitaram a identificação das insuficiências e alcances das situações didáticas. Nessa tematização, os questionamentos, interesses, conflitos colaboraram para planejar as novas atividades de ensino.

Surgiram também hibridizações nas apresentações e cartazes, como a mistura de danças e percussão corporal com bate-copos, além do cartaz da tabua *ouija*, que apresentava um outro significado para o uso do copo. Entretanto, mesmo partindo de pressupostos do currículo cultural, colocando no centro uma manifestação cultural marginalizada na escola e baseando nos princípios de justiça curricular, evitar o daltonismo cultural e ancoragem social, não discutimos, na minha opinião, nenhum marcador social, o que importante numa perspectiva culturalmente orientada.

Referências

CARVALHO, M. M. N. S.; NEIRA, M. G. O multiculturalismo e o ensino da Educação Física. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016.

NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática de ensino** – Educação Física. São Paulo: Blucher, 2011.

NEIRA, M. G. Os procedimentos didáticos do currículo cultural da Educação Física. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.). **Educação Física Cultural: escritos sobre a prática**. Curitiba: CRV, 2016.